Ninguém, o meu nome é Ninguém. O grande Polifemo coçava a cabeça em sinal de espanto e incompreensão. Ninguém?! Como te podes chamar Ninguém? Tu és alguém e essa condição necessita de um nome próprio, distintivo, um nome pelo qual te possa chamar e tu possas responder. A brutalidade do grande Ciclope de nada lhe servia face ao engenhoso plano de Ulisses. Garanto-te que sou Ninguém. Por certo já terás ouvido das minhas aventuras, sou o famoso Ninguém que cruza os sete mares desafiando o destino. A história parecia legítima e a oferta daquele sublime vinho servia o propósito de garantia. Irei comer-te de qualquer das formas, mas fá-lo-ei depois de me saciar com os teus companheiros. A fábula que me contas e o néctar que me trazes dão-te o privilégio de mais alguns minutos no mundo dos vivos.

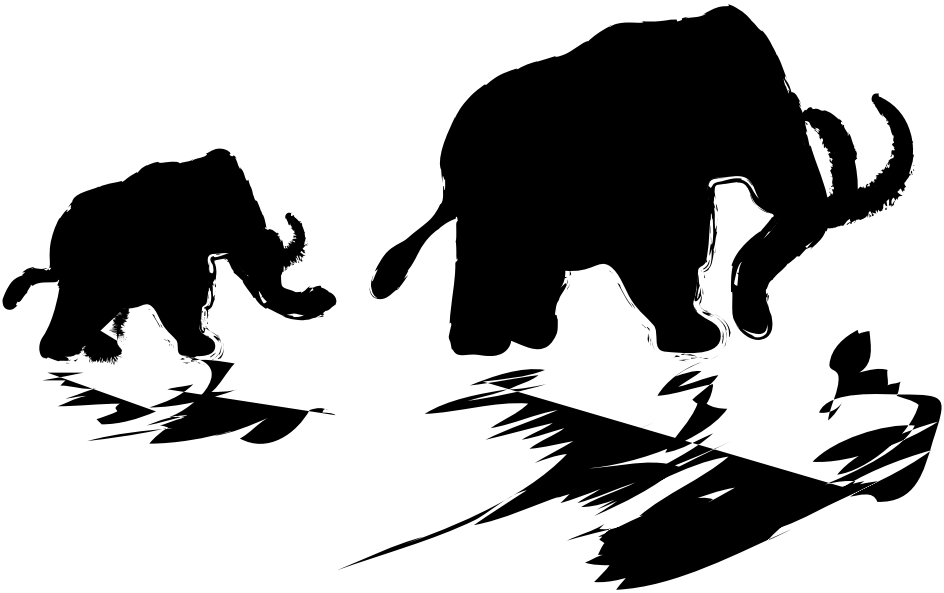
Ninguém, Ninguém quis-me matar!

AUTOR:

EXEMPLAR Nº:

DEIXEM OS MAMUTES MORTOS PARA SEMPRE

SÉRGIO BERNARDO



DEIXEM OS MAMUTES MORTOS PARA SEMPRE

SÉRGIO BERNARDO

LIVROS DE ONTEM

"VIVER SERIA UMA OUTRA COISA"

Descobri a poesia de Sérgio Bernardo por feliz acaso. Muito antes das redes sociais, muito antes de trocar uma palavra com o autor. Já no primeiro poema lido, àquela época, o vigor criativo e inteligente dos versos me impressionou. Tempos depois, recebo, com o mesmo efeito, *Deixem os mamutes mortos para sempre*. Neste terceiro de seus livros e na sequência de diversas premiações, Sérgio Bernardo, mais uma vez, faz de sua poesia instrumento para a revelação dos estranhamentos aos quais um excêntrico presente nos expõe. Atento observador do universo, o poeta provoca o leitor, ao mesmo tempo arrancando-o do conforto e levando-o ao prazer de testemunhar a arte.

Sérgio Bernardo caminha com desenvoltura desde o cânone até a contemporaneidade. Nesta coletânea, com a energia de seu talento, deixa em carne viva a "modernidade líquida" a que se refere Zygmunt Bauman. Embora sociologia e poesia não compartilhem o mesmo DNA, sociólogo e poeta captam o momento e o digerem, traduzem e acusam como missão, de modo que, por vias muito diferentes, superpõem suas vozes. E se assim é, impossível fechar os olhos à fragilidade dos relacionamentos virtuais, ao repetido medo da solidão, insegurança e à banalidade ("*A conversa sobre o mundo / e sobre nada*") que nos aguilhoam todo o tempo no trabalho, na família, na comunidade, na cena política e mesmo quando peles se encontram.

O poeta deixa entrever que a realidade supera a ficção e ao homem parece sobrar apenas papel colateral ("*Aqueles jornais ancorados no ladrilho / trarão notícias de um lugar ignorado*"). O eu-lírico do poema "Pressa dos dias" "c*hegará atrasado. Voltará para casa. / Assim: coadjuvando o dia*".

A despeito de toda fúria, de todo som e dos séculos de experiência que envelhecem a fala de Macbeth, intuímos pelos versos que os impulsos modernizantes direcionam ao indivíduo pesos que se diluíam na sociedade

e o atormentam e viciam com a oferta ilimitada e asfixiante de informações, chances, objetivos e modelos (duvidosos muitas vezes) a serem alcançados. Uma "*febre comunicativa*". Nesse vai e vem vertiginoso, entram em choque a racionalidade e o sentimento: a superexposição leva ao abandono de nós mesmos. Somos equilibristas oscilando sobre tempo e espaço, que escorrem entre os dedos ("é o tempo que esmaece a cor insubstituível / dos olhos, dos cabelos").

Imposições muitas, pouca fruição. Vivem-se dias em que as exigências de mercado, qualificações acadêmicas, tecnologias, equipamentos, falsas histórias em 3D se infiltram em construções que ruem, vidas perdidas, cidades arrasadas. Imóveis, o poema delata, adiamos, dia após dia, a percepção da "*beleza da lua*".

O poeta é navegador em observatório privilegiado, onde as imagens aparecem amplificadas, qualificadas. E as apreende, estende e transforma pela linguagem, consciente da potencialidade das perdas e quebras, enquanto personagens muito reais se debatem em fluxos violentos, como "*um peixe nascido sem nadadeiras*", "*náufrago*". A poesia "*não conhece a imobilidade*". Sérgio Bernardo a extrai onde a visão menos treinada não enxerga senão destroços. Entrega-a ao assombro do leitor:

ARTESANATO DE SÍMBOLOS

Poetas falam por desvios:
não se queira o que escrevem
uma estrada reta.

Poesia é artesanato de símbolos:

a mesa é mesa ou não é mesa
– cabe a quem fica diante
do poema dar ao objeto
imagem ou significado
ou uma e outro
ou nenhum deles.

Poetas falam por desparábolas
na quase crística tarefa:
não salvam almas,
talvez delírios.

Não se pense que o livro faz apologia do desespero. Não. O poeta traz alertas, empurrões: é preciso tropeçar para que se encontrem respostas. O homem é mutante e nenhuma solidez afastará as surpresas dos dias: "*o ontem não compreende o idioma do hoje*". O poeta também nos diz que sempre restam possibilidades valiosas *("não se assassinam essas pequenas / paisagens individuais"*) e seu personagem "*comeria viagens*" aos distantes, preparadas com ingredientes muito triviais, sem precipitação. As apoteoses, lembra, são utópicas e a morte pode surpreender na modéstia da padaria e de "*pães mais clarinhos*".
Nos poemas de *Deixem os mamutes mortos para sempre*, o mundo é fotografado e revelado em sua íntima natureza. Os modelos são transmutados pelas cenas que o poeta cria sem recorrer a obscuridades e formulações aberrantes. Sérgio Bernardo e as palavras se reconhecem e se expõem na tensão que atravessa todo o livro, que é extenso em significados, com a mesma acuidade dos que o precederam. Cada poema, obra completa e suficiente como "*uma andorinha só*", produzindo "*a carne do verão*".
A vida moderna, conta o poeta, parece deixar-nos "à margem da cena":

"v*iver seria uma outra coisa*". Assim é que o homem deve recompor padrões, dando a melhor coloratura ao que lhe diz o agora. Deve saltar obstáculos e ondas, lembrar-se ainda da lua, do amor ("*amor nunca foi exclusividade / do cinema ou de Copacabana*"). Não apenas morar, mas habitar. O tempo corre líquido. O passado? Por que retomar fósseis enquanto a carne e o sangue são possíveis? Já contamos com excessivas "*extinções diárias*". "*Deixemos os mamutes mortos para sempre*". Deixemo-los assim.

Alberto Bresciani

Março de 2016

PRESSA º DOS º DIAS

Sem outra opção, amanheceu.
Deixou a água lamber o rosto
como cão amoroso.

Aqueles jornais ancorados no ladrilho
trarão notícias de um lugar ignorado,
porque há muito migrou
para uma dimensão contrária.
Serão lidos como obra de ficção,
aqui e ali uma tentativa de poesia
primariamente rimada.

Olhará o gato como animal extinto,
mas encherá o pote de leite
conforme todas as manhãs.

Sairá à rua abraçado a volumes
(a pasta de couro, papéis, guarda-chuva)
uma rua que o desconstruirá a cada passo.

Terá pressa. Chegará atrasado. Voltará para casa.
Assim: coadjuvando o dia.

ALI, DO OBSERVATÓRIO

Ela poderia se perder
no corredor da própria casa,
poderia mesmo nunca mais voltar.
Dentro de si,
circunavegou
para devorar horizontes
onde nada do presente era construção.

Ele
nada mais fez
que fotografar o perfil dela
contra a nuvem do travesseiro.
Deixou que se ferisse
sobre os copos quebrados
não removidos na véspera do afogamento.

Ela incorporou um peixe nascido sem nadadeiras.

LIVROSºDAºESTANTEººººº

Como quem inaugura lápides,
encontrou a poesia de Pound
entre os ossos do frango
(já de dois dias)
comido frio no desjejum.
Alimentou-se da primeira,
embora tenha vomitado o segundo no chão da copa.

Com as plantas dos pés enraizadas no piso
de repente imaginou caminhos impossíveis.
Estava suspenso pela poesia,
ente que não conhece a imobilidade.
Um livro, depois outro.
Um poeta, depois outro.

Plena manhã
e ele engravidando cemitérios.